

## 5. Considerações Finais:

A construção do piso modular, casulo de barro e toda interação no Anil atestaram o histórico e a importância do uso de miniaturas no processo investigativo no LILD. A experimentação no laboratório não tem em mente o seu resultado final, de acordo com uma prática projetual. Mas sim, persegue-se uma ideia presente em todas as fases no estado mental do pesquisador. O desenvolvimento do seu processo, forma do objeto e conceito surgem aos poucos, de acordo com o andamento e amadurecimento dos experimentos.

Portanto, o avanço destes experimentos continua indefinidamente, posto que sempre seja possível aperfeiçoar o experimento e testar novas possibilidades, visando tirar o máximo de proveito das qualidades do material.

Observando todo processo de pesquisa relacionado às miniaturas, em harmonia com as demais técnicas pesquisadas no laboratório, podemos perceber dois estágios de interação que a miniatura possui com o pesquisador.

Uma interação é pessoal, é a busca de informações do pesquisador. Os experimentos acerca do piso modular de bambu e do casulo de barro demonstraram o potencial da miniatura como ferramenta na investigação da forma e na solução prática de problemas relacionados ao objeto em questão. Estes experimentos mostraram a importância do cruzamento de dados entre as linguagens trabalhadas no LILD. Ou seja, como a miniatura colabora com as outras linguagens e vice-versa. A miniatura facilita o acesso à informação, pois o pesquisador se torna um “gigante” ao interagir com o modelo, manipulando-o ao seu gosto.

“...o conhecimento se inicia com as perguntas que fazemos à natureza. Mas essas perguntas surgem quando nós, ao contemplarmos a natureza, nos sentimos provocados por seus assombros. O início do pensamento se encontra nos olhos que têm a capacidade de se assombrar com o que veem.” (ALVES, 2005, p. 81)

O pesquisador que constrói a miniatura se torna íntimo dela. Ao trabalhá-la no mundo real, seus gestos ensaiam a técnica. O relacionamento entre objeto e pesquisador intensifica as reflexões acerca da investigação, e ficou claro que

quanto mais atenção dada ao modelo, e quanto mais precisos seus detalhes, melhor é a resposta do modelo às questões levantadas pelo pesquisador. Pois em cada nó dado, ou em cada vareta de bambu fixada surge uma pergunta, feita pelo investigador para a miniatura. E a resposta dada pela miniatura será mais rica quando houver esmero na pergunta. A miniatura bem feita servirá ao pesquisador com lealdade, solucionando a todas as suas dúvidas.

A outra interação ocorre quando o pesquisador se satisfaz (mesmo que temporariamente) com as respostas encontradas na miniatura e suas interações e parte para a disseminação da descoberta. Uma grande crítica do laboratório em relação à universidade é a produção do conhecimento baseada apenas na reflexão. Algumas vezes, baseada até na reflexão sobre a reflexão. O LILD, além da reflexão, possui também a postura da prática do design. E essa prática deve ser colocada em campo, pois o exercício do conhecimento atesta a relevância da pesquisa.

O trabalho de campo realizado no Jardim Anil demonstrou o potencial pedagógico da miniatura como ferramenta para ensino da técnica. Conforme dito anteriormente, o pessoal local possui baixa escolaridade. Então outras formas de representação das formas geométricas apresentadas e do objeto a ser construído poderiam ser mal compreendidas. Ou pior: se fosse apresentada uma planta-baixa da estrutura, poderia criar um mal estar entre o pessoal causado pelo constrangimento de não saber interpretar o desenho técnico.

O uso da miniatura evita estas situações. Por se tratar de algo palpável e manipulável, seu entendimento é facilitado universalmente. As oficinas dadas ao pessoal ao longo desta pesquisa evidenciaram o interesse das pessoas nas técnicas do bambu e terra. E como pode ser simples o seu ensino, desde que feito de maneira lúdica e participativa.

A prática no Anil demonstrou a miniatura como ponto de partida e como resultado. O ponto de partida ocorreu quando esta foi apresentada, auxiliando a compreensão do objeto e da técnica. O resultado pôde ser observado quando Seu Fernando, um dos membros do Anil, nos surpreendeu com uma pequena miniatura de treliça que havia construído, totalmente por conta própria. Nossa surpresa foi ainda mais grata quando ele nos informou que já estava com um trabalho agendado para construir uma treliça na casa de uma cliente. A técnica

passada já estava rendendo frutos e de certa forma melhorando a vida dos envolvidos.

O outro fruto rendido é a construção do minhocário em si. A construção feita em conjunto, em forma de mutirão, dá personalidade ao objeto. O domínio da técnica transmite confiança e gera interesse em continuar. Quando sua impressão digital fica registrada no barro, é como se aquilo passasse a fazer parte de você. A construção se transforma em algo pessoal.



Figura 84 – Seu Fernando mostra sua miniatura de treliça.

### 5.1. Contratempos da pesquisa:

A infestação de insetos no acervo de bambus no laboratório foi um grande imprevisto, que influenciou o caminho de diversas pesquisas praticadas no laboratório. Apesar de parecer um estorvo em curto prazo, esta surpresa pode ser considerada como uma ótima oportunidade de aprofundar o conhecimento sobre o

ciclo de vida deste inseto nas condições climáticas do Rio de Janeiro em longo prazo.

Porém, o maior problema observado no decorrer desta pesquisa foi o curto tempo do mestrado. A duração de dois anos infelizmente não foi suficiente para observar a conclusão dos objetos aqui estudados. Este problema foi ainda mais evidente no trabalho de campo, que conta com a participação de pessoas.

Os encontros semanais foram definidos para ficar em harmonia com a agenda de todos. Da parte do pessoal do laboratório, o horário teve que se adequar às aulas a serem assistidas, empregos e tempo de pesquisa dentro do laboratório. O pessoal do Anil cedeu gentilmente um dia da semana do tempo que deveria ser empregado na horta para a construção do minhocário. Algumas vezes, os horários não batiam. Envoltos na manutenção emergencial da horta ou em época de colheita, alguns dias de encontro tiveram que ser cancelados. Em outras ocasiões, os encontros tiveram que ser cancelados devido ao mal tempo, que inviabiliza o trabalho ao ar livre.

Outras adversidades, estas irremediáveis, foram as pessoais. Conforme dito, a participação de pessoas envolve infortúnios imprevisíveis. Como exemplo, a descoberta de alguns membros da comunidade do Anil que lutavam contra o alcoolismo. Dona Dirce nos confidenciou o caráter social do projeto, até então desconhecidos pelo LILD. Muitos trabalhadores de lá batalhavam contra esse vício, utilizado o trabalho na horta como uma reincorporação à sociedade.

## **5.2. Desdobramentos:**

Como possível desdobramento desta pesquisa sugiro um estudo acerca da conclusão da pesquisa do piso modular e do casulo de barro, que quando prontos, renderão ótimos espaços para pesquisa e estudo dentro do laboratório.

Destaco ainda o acompanhamento do término da edificação no Anil. A construção do minhocário será de grande valia para as pessoas que trabalham ali, dando inclusive maior visibilidade ao local para investimentos externos. A cobertura da estrutura já construída envolve a pesquisa de outras técnicas para a exposição do barro ao tempo do Rio de Janeiro.

Além disso, as informações extraídas do seu uso serão valiosas. Informações como a futura aplicação da construção, que foi definida inicialmente como minhocário. Como será o seu desgaste e manutenção, se haverá interesse em continuar a parceria com o laboratório, construindo novas estruturas, ou se o próprio grupo do Anil terá a iniciativa de replicar a tecnologia aprendida.

Todo detalhamento do término da construção e a análise posterior do seu uso é interessante e gerará dados insubstituíveis para a pesquisa do laboratório.